

FELISBELA LOPES & RITA ARAÚJO

felisbela@ics.uminho.pt; ritaaraujo@ics.uminho.pt

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
(CECS), Universidade do Minho, Portugal

AS DOENÇAS NA IMPRENSA PORTUGUESA: RETRATO DE UMA DÉCADA

A Unidade Curricular Fontes e Instituições, do mestrado de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho, procura conhecer, e interpretar, a interação que os diversos campos sociais desenvolvem com os *media* noticiosos, havendo uma atenção particular às relações entre as fontes de informação e os jornalistas. No programa semestral, dá-se particular relevo ao campo da saúde e aí procura-se perceber a cobertura noticiosa que os *media* portugueses promovem. É esse retrato que aqui se traça, centrando-se este livro no tratamento jornalístico dado às doenças que mereceram mais atenção da agenda informativa dos jornais diários portugueses.

Ao longo dos últimos anos, a saúde tem suscitado uma crescente atenção jornalística. De indiscutível interesse público e de visível interesse do público, este campo exige cuidados especiais pelo impacto junto das pessoas, principalmente quando se trata de assuntos de traço negativo. Apesar dos efeitos que gera junto dos cidadãos, a mediatização deste campo não tem originado muitos estudos académicos. Portugal está muito para trás daquilo que se faz em território europeu. É preciso neutralizar esse vazio rapidamente. Para corrigir lacunas, para aperfeiçoar ângulos, para propor outras abordagens a uma cobertura muitas vezes feita através de práticas que se repetem por automatismos, por imposição de fontes organizadas, por pressão do tempo, por falta de recursos... Este livro ambiciona ajudar a abrir algum caminho, congregando aqui o esforço de estudantes de 2º ciclo que, ao longo de um semestre, analisaram dados previamente reunidos pelas investigadoras que assinam a edição desta obra.

O estudo que aqui apresentamos integra os quatro jornais diários generalistas portugueses: *Diário de Notícias*, *Público*, *Jornal de Notícias* e *Correio da Manhã*. Os dois primeiros são jornais de referência e os outros dois têm uma linha mais popular. A nossa investigação compreendeu o período referente à segunda década do século XXI, escolhendo para análise os anos 2013, 2014, 2015, 2016 e 2017, precisamente aqueles que se situam a meio dessa linha temporal de 10 anos. Nesse período, publicaram-se 14.243 artigos noticiosos sobre o campo da saúde, sendo que os meses de agosto não foram contabilizados por serem por nós considerados atípicos em termos noticiosos. Desse universo apenas nos interessamos pelas peças que falavam de doenças, ou seja, levamos em linha de conta 4.651 artigos que correspondem a 32,6% dos textos. Nessa amostra, quisemos também conhecer de forma mais aprofundada as fontes citadas. A recolha de dados foi efetuada com recurso às versões digitais dos periódicos em causa, selecionando-se os cadernos principais desses títulos e excluindo-se as secções de Local (no *Público*) ou Porto (no *Jornal de Notícias*). O universo recolhido foi sujeito a uma análise quantitativa dos textos, feita através do programa de análise estatística de dados Statistics Package for Social Sciences (SPSS), centrada em dois eixos de análise.

O primeiro eixo de análise procura caracterizar o texto através das seguintes variáveis: tipo de título (positivo, neutro, negativo); género jornalístico (notícia, reportagem, entrevista, perfil); tema (investigação e desenvolvimento, prevenção, retratos de situação, situações de alarme e risco, práticas clínicas, negligência/práticas ilícitas, políticas da saúde, economia da saúde, carreiras profissionais e ações de cidadania); doenças (as categorias seguem aqui a classificação proposta pela Organização Mundial de Saúde); ângulo (positivo, negativo, neutro); tamanho do texto (breve, médio, extenso); tempo (antecipação, dia anterior, ponto de situação); lugar (dividindo o nacional por regiões e o internacional por continentes). O segundo nível de análise centra-se nas fontes de informação, analisadas do ponto de vista do leitor dos textos. Importa ainda referir que o investigador não transporta para a análise dos dados os conhecimentos prévios acerca de determinado indivíduo, de forma a perceber as falhas existentes na identificação das fontes cometidas pelo jornalista. As fontes são caracterizadas quanto à sua geografia, tipo de fonte, identificação, estatuto e especialidade médica (quando aplicável). O estatuto das fontes de informação é encontrado a partir de uma tipologia por nós criada e que nos permite saber se estamos a lidar com fontes oficiais, especializadas ou outras.

Partindo de uma análise mais vasta que as investigadoras editoras desta obra fazem desde 2010, este livro detém-se apenas na cobertura das

doenças mais mediatizadas na imprensa portuguesa ao longo da segunda década do século XXI e cada um destes estudos segue a mesma metodologia de trabalho e parte de uma tipologia geral comum da qual retira os textos das doenças a tratar. A saber, por esta ordem:

- tumores (957 artigos noticiosos);
- gripe (311 artigos noticiosos);
- HIV/Sida (243 artigos noticiosos);
- doenças mentais (241 artigos noticiosos);
- hepatite (197 artigos noticiosos);
- doenças cardiovasculares (143 artigos noticiosos);
- obesidade (115 artigos noticiosos);
- diabetes (114 artigos noticiosos);
- oftalmológicas (101 artigos noticiosos);
- tuberculose (98 artigos noticiosos).

Estas 10 doenças apresentam, entre si, uma mediatização muito diferenciada em termos numéricos e no que diz respeito ao *frame* escolhido, como cada um dos capítulos explica. As fontes que as sustentam também são muito distintas. Percorrendo a ordem das doenças mais mediatizadas, reparamos igualmente que não há aqui uma espécie de espelho a refletir as doenças que mais matam em Portugal. Antes existe um profundo enviesamento entre a realidade e o real que o jornalismo todos os dias constrói nos jornais diários portugueses.

POR QUE DECIDIMOS ANALISAR A MEDIATIZAÇÃO DAS DOENÇAS?

A comunicação na saúde é um domínio fundamental da saúde pública, que inclui todos os processos e ações que contribuem para a missão e as funções da saúde. Ishikawa e Kiuchi (2010) defendem mesmo que a comunicação na saúde é um dos aspetos da saúde pública mais relevantes deste século. Diversos autores propõem definições para a comunicação na saúde, sendo que frequentemente incluem “informar” e “influenciar” as decisões dos indivíduos e comunidades; “motivar”; “aumentar o

conhecimento e a compreensão” relativamente a assuntos de saúde; “dar mais poder” às pessoas, entre outras. Este é, assim, um campo multidisciplinar que está relacionado com a melhoria dos resultados em saúde através da mudança social e de comportamentos.

A saúde e a medicina são um elemento proeminente na agenda noticiosa contemporânea (Hallin & Briggs, 2014) e os *media* constituem-se como uma importante fonte de informação de assuntos de saúde. Muitas vezes são, aliás, a fonte primária de informação para o público em geral (Aston, 1999; Besley & Tanner, 2011; Signorielli, 1993). Isto acontece porque a saúde é um conceito transversal a toda a sociedade, sendo que qualquer um de nós pode ficar doente (Riggulsford, 2013). Assim, independentemente da linguagem ou da cultura, uma coisa que parece ser universal é o facto de as pessoas quererem e precisarem de informação sobre saúde, especialmente quando elas ou os seus familiares estão doentes (Zarcadoolas, Pleasant & Greer, 2006).

De facto, os meios de comunicação social parecem ser uma das fontes privilegiadas de informação médica e de saúde para o público em geral. Esta afirmação tornou-se ainda mais verdadeira nas últimas décadas, em que assistimos simultaneamente à emergência das doenças infecciosas e a um aumento das doenças crónicas. O papel do jornalismo de saúde é, assim, reforçado, na medida em que os *media* ocupam um lugar social central no retrato deste tipo de temáticas. “Se os jornalistas não explicam as notícias de saúde e recomendações de forma clara e correta, as pessoas que confiam na TV e na rádio para receber informação de saúde podem ficar mal informadas e confusas” (Baur, 2011, p. 66). É verdade que os *media* ocupam um papel importante na promoção da saúde, sendo que podem mudar conhecimentos, atitudes, e até comportamentos (Corcoran, 2013, p. 70). As pessoas têm contacto com assuntos, produtos, e serviços de saúde através das notícias, muitas vezes antes mesmo de contactarem com os médicos (Parrott, 2009, p. 107). Na perspetiva da saúde pública, os *media* podem influenciar as perceções das pessoas sobre a gravidade das doenças, o risco de contrair uma doença, ou sobre os seus sentimentos sobre a necessidade de prevenção e tratamento (Schiavo, 2014).

A cobertura mediática de assuntos de saúde pode ter impacto nas atividades diárias das pessoas, como sejam os seus hábitos de leitura ou alimentação, e os *media* podem ser uma ferramenta para melhorar a saúde das populações vulneráveis, reduzindo assim as desigualdades em saúde (De Jesus, 2013, p. 528). A cobertura mediática das doenças pode ainda ajudar a reduzir o estigma em relação a determinada patologia ou a divulgar

informação sobre doenças pouco diagnosticadas ou pouco representadas nas notícias. Por fim, a mediatização da saúde e da doença pode influenciar os decisores políticos relativamente a políticas de prevenção ou tratamentos, ao chamar a atenção para determinados assuntos (Schiavo, 2014).

As pessoas devem envolver-se na gestão da sua saúde e fazer uma série de tomadas de decisão sobre saúde. Para isso, precisam de ter acesso a informação de saúde apropriada às suas necessidades e adequada aos seus conhecimentos. É aqui que entram os *media*, sendo que a mediatização da saúde e da doença assume um papel central na forma como o cidadão comum percebe a sua saúde e a dos que o rodeiam, avalia os riscos em saúde, ou gere a doença. Por tudo isto, parece-nos importante olhar para os retratos que a imprensa portuguesa promove relativamente à doença – foi isso mesmo que nos propusemos fazer com este conjunto de trabalhos.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020.

REFERÊNCIAS

- Aston K. (1999). Communication: yes, but does it work? In F. Apfel (Org.), WHO Regional Office for Europe. The pen is as mighty as the surgeon's scalpel: improving health communication impact (pp. 29-33). Londres: The Nuffield Trust on behalf of WHO Regional Office for Europe.
- Baur, C. (2011). Calling the nation to act: implementing the national action plan to improve health literacy. *Nursing Outlook*, 59, 63-69. <https://doi.org/10.1016/j.outlook.2010.12.003>
- Besley, J. C. & Tanner, A. H. (2011). What Science Communication scholars think about training scientists to communicate. *Science Communication*, 33(2), 239-263. <https://doi.org/10.1177/1075547010386972>
- Corcoran, N. (2013). *Communicating Health. Strategies for health promotion*. Londres: Sage.

- De Jesus, M. (2013). The impact of mass media health communication on health decision-making and medical advice-seeking behavior of U.S. hispanic population. *Health Communication*, 28(5), 525-529. <https://doi.org/10.1080/10410236.2012.701584>
- Hallin, D. C. & Briggs, C. L. (2014). Transcending the medical/media opposition in research on news coverage of health and medicine. *Media, Culture & Society*, 1-16. <https://doi.org/10.1177/0163443714549090>
- Ishikawa, H. & Kiuchi, T. (2010). Health literacy and Health Communication. *Biopsychosocial Medicine*, 4(18), 1-5. <https://doi.org/10.1186/1751-0759-4-18>
- Parrott, R. (2009). *Talking about health. Why communication matters*. Sussex Occidental: Wiley-Blackwell.
- Riggulsford, M. (2013). *Health and medical public relations*. Nova Iorque: Routledge.
- Schiavo, R. (2014). *Health Communication. From theory to practice*. São Francisco: Jossey-Bass.
- Signorielli, N. (1993). *Mass media images and impact on health: a sourcebook*. EUA: Greenwood Press.
- Zarcadoolas, C., Pleasant, A. F. & Greer, D. S. (2006). *Advancing health literacy. A framework for understanding and action*. São Francisco: Jossey-Bass.

Citação:

Lopes, F. & Araújo, R. (2020). As doenças na imprensa portuguesa: retrato de uma década. In F. Lopes & R. Araújo (Eds.), *As doenças na imprensa portuguesa: retrato da década* (pp. 5-10). Braga: CECS.